

Voices da rádio comunitária: O papel da Heliópolis FM na luta contra a Covid-19 na cidade de São Paulo

Voices of community radio: The role of Heliópolis FM in the fight against Covid-19 in the city of São Paulo

Voces de la radio comunitaria: El papel de Heliópolis FM en la lucha contra Covid-19 en la ciudad de São Paulo

Lourival da Cruz Galvão Júnior e Pedro Serico Vaz Filho

Resumo

As orientações para isolamento social, uso de máscaras e higienização das mãos configuram-se como as principais formas de contenção da Covid-19, conforme preconiza a OMS – Organização Mundial da Saúde. Medidas difíceis de implementar, principalmente em comunidades desatendidas pelo poder público. O rádio pode atuar, neste contexto, como mecanismo para conscientização e mobilização social, reflexão que motiva a análise do papel desempenhado pela Rádio Comunitária Heliópolis FM na localidade onde atua nos primeiros seis meses da pandemia. Além da pesquisa bibliográfica e documental, a metodologia acionou a História Oral que revelou, nos depoimentos, obstáculos quanto à conscientização da comunidade, que em parte reluta em observar as medidas restritivas devido aos decorrentes impactos econômicos.

Palavras-chave

Rádio Comunitária. Pandemia. Covid-19. Depoimentos. Heliópolis.

>> Informações adicionais:

artigo submetido em: 26/07/2020 aceito em: 26/10/2020.

>> Como citar este texto:

GALVÃO, L. C. J.; VAZ FILHO, P.S. Voices da rádio comunitária: O papel da Heliópolis FM na luta contra a Covid-19 na cidade de São Paulo. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Mariana-MG, v. 11, n. 03, p. 105-132, set./dez. 2020.

Sobre os autores

Lourival da Cruz Galvão Júnior

galvaojr@uol.com.br

<http://orcid.org/0000-0002-3006-799X>

Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), Mestre em Linguística Aplicada e Jornalista graduado pela Universidade de Taubaté (UNITAU). Professor assistente do Departamento de Comunicação Social da UNITAU, docente do curso de Mestrado Acadêmico em Planejamento e Desenvolvimento Regional do Departamento de Economia, Ciências Contábeis e Administração da mesma instituição. Integra o grupo de Pesquisa Cibernética Pedagógica/Laboratório de Linguagens Digitais (CNPq) do CCA/ECA/USP; e do NUPEC – Núcleo de Pesquisa e Estudos em Comunicação do Departamento de Comunicação Social da UNITAU.

Pedro Serico Vaz Filho

pedrovaz@uol.com.br

Professor da Faculdade de Comunicação na Universidade Anhembi Morumbi, integra o Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom. Graduado em jornalismo, pelas Faculdades Integradas Alcântara Machado, Doutor pela Universidade Metodista de São Paulo, Mestre e Especialista em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero. Atualmente, desenvolve estágio pós-doutoral na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, com supervisão do professor doutor Luciano Victor Barros Maluly.

Abstract

The guidelines for the adoption of social isolation, the use of masks and hand hygiene are configured as the main forms of containment of Codiv-19, as recommended by WHO - World Health Organization. However, these measures are difficult to implement, especially in communities neglected by the government. The radio can act in this context as a mechanism for raising and social mobilization, reflection that motivates the analysis of the role played by the Community Radio FM Heliopolis in the locality where it operates the first six months of the pandemic. In addition to bibliographic and documentary research, the methodology used the foundations of Oral History that revealed, in the statements of characters linked to the broadcaster, obstacles regarding the awareness of the community, which in part is reluctant to adopt restrictive measures due to the resulting economic impacts.

Keywords: Community Radio. Pandemic. Codiv-19. Testimony. Heliópolis

Resumen

Las recomendaciones para la adopción del aislamiento social, el uso de mascarillas y la higienización de manos son las principales formas de contención de Codiv-19, según lo recomendado por la OMS - Organización Mundial de la Salud. Sin embargo, son acciones difíciles de implementar, principalmente en comunidades no atendidas por el poder público. En este contexto, la radio puede actuar como un mecanismo para la sensibilización y la movilización social, una reflexión que motiva el análisis del papel desempeñado por la Radio FM Comunitaria Heliópolis en la localidad en la que opera, en los seis primeros meses de la pandemia. Además de la investigación bibliográfica y documental, la metodología utilizó los fundamentos de la Historia Oral que revelaron, en las declaraciones de personajes vinculados a la emisora, obstáculos con respecto a la conciencia de la comunidad, que en parte es contraria a las medidas restrictivas debido a los impactos económicos resultantes.

Palabras-clave: Radio Comunitaria. Pandemia. Codiv-19. Depositiones. Heliópolis.

Introdução

Em essência, as rádios comunitárias exercem funções sociais relevantes e muitas atuam como porta-vozes dos territórios onde estão estabelecidas. As comprometidas de fato com o bem-estar e a melhoria nas condições de vida das coletividades, assim como a plena salvaguarda dos direitos de seus representados, distanciam-se diametralmente dos interesses que movem emissoras públicas ou privadas, sejam elas habitantes das ondas hertzianas analógicas ou dos *bits* e *bites* que constroem a ambiência digital.

Apesar da baixa potência de transmissão imposta pela legislação vigente, dentre outras limitações estruturais e tecnológicas, as rádios comunitárias engajadas esforçam-se em proporcionar às comunidades acesso aos processos de produção e de difusão dos mais diversos conteúdos de cunho social não abarcados no universo midiático, suprimindo lacunas notadamente ignoradas por outras expressividades comunicacionais (DETONI, 2004). Em princípio, as emissoras comunitárias devem ter a determinação em atender comunidades desprovidas da atenção e do interesse das demais mídias, servindo como espaço público de fomento àquilo que se caracteriza pela dimensão social, principalmente no que concerne à interação entre os indivíduos de uma determinada localidade.

Nas últimas décadas, as rádios comunitárias tendem a intercalar antigas formas de difusão com novos formatos estabelecidos pelas tecnologias no ambiente digital. O percurso, todavia, começou com os sistemas de alto-falantes popularizados como *rádio poste*, avançou para o surgimento de emissoras que operam frequências sem a outorga governamental até culminar na consolidação de rádios comunitárias analógicas instituídas legalmente (PERUZZO; VOLPATO, 2010). Nas últimas décadas, as emissoras regulares buscaram também presença concomitante na internet, embora exista a inclinação em repetir, na ambiência virtual, fórmulas e conceitos consagrados pelas emissoras convencionais e pelas costumeiras audiências. Prata (2009) considera que, para o rádio na *web*, esse processo de inserção de novos formatos enquanto acontece a reconfiguração de elementos antigos resulta numa mistura que transforma esse meio de comunicação numa constelação de signos sonoros, visuais e imagéticos.

Há, no firmamento virtual descortinado, possibilidades múltiplas à atuação da radiodifusão comunitária. No entanto, os desafios do mundo real recaem há tempos nas questões relacionadas às estruturas administrativas e financeiras dessas estações, que sobrevivem sem patrocínio devido a *Lei de Radiodifusão comunitária* (nº 9.612/1998), como chamada à época de sua instauração, que regulamentou o setor no Brasil. Dentre as especificidades, a legislação determinava programação diária de ao menos 8 horas de duração, divulgação das atividades e reivindicações

das comunidades e estímulo à livre expressão da cultura, das tradições e dos hábitos populares.

O maior entrave decorrente da Lei, contudo, é econômico. As rádios comunitárias não podem ter fins lucrativos, fato que as impede de veicular publicidade comercial. A exploração de recursos financeiros fica limitada à veiculação de apoios culturais, isto é, de mensagens institucionais custeadas quase sempre por pequenos empresários que atuam nas localidades cobertas pelo serviço de radiodifusão. Abordagens publicitárias, como menção às características de produtos e de serviços, seus respectivos preços, condições de pagamento, ofertas e outras vantagens, não devem constar nesses apoios, que podem apenas fazer a veiculação do nome, do endereço físico e eletrônico, entre outros contatos do apoiador cultural, que deve estar situado na área de cobertura da emissora.

Na prática, muitas rádios comunitárias brasileiras distanciam-se dessas exigências governamentais. Nota-se, em inúmeras programações, a execução musical em voga nas emissoras comerciais, ou seja, os chamados sucessos que passam também a ocupar a maior parte da grade de atrações nas comunitárias. Dessa forma, também, há reprodução de noticiários dos mais diversos meios, em especial daqueles de maior audiência. Situação grave, pois são disseminadas linhas editoriais de interesse dos meios copiados, entre outros fatores, que envolvem a exclusividade concedida a determinadas religiões e partidos políticos, que se configuram como grupos de poder que determinam os conteúdos, muitas vezes distantes das necessidades da comunidade atendida pelo serviço de radiodifusão.

Apesar do quadro exposto, a radiodifusão comunitária pode contribuir de forma efetiva na mobilização das comunidades na atual conjuntura da crise social decorrente da pandemia da Covid-19 – causada pelo SARS-CoV-2, ou Novo Coronavírus – que suplanta qualquer dificuldade ou impedimento momentâneo. É, ao menos, o que ocorre na Rádio Heliópolis FM 87,5 MHz, em operação na comunidade homônima da Zona Sul da cidade de São Paulo. Em pouco mais de 12 anos de transmissão, a emissora consolidou-se como promotora de inúmeras ações

sociais que beneficiam uma população estimada em 200 mil habitantes, que vivem numa área de pouco mais de um milhão de metros quadrados.

Os dados são da União das Associações dos Moradores de Heliópolis e São João Clímaco – UNAS, organização não governamental responsável pela estação que é fruto, acima de tudo, dos ideais passados de democratização das nomeadas *rádios livres* ou, de maneira pejorativa, *rádios piratas*, termos vinculados às primeiras estações clandestinas que ganharam projeção na década de 1970, principalmente na França e na Itália, por causa de movimentos libertários que encontraram no rádio uma ferramenta para difusão das manifestações populares (ORTRIWANO, 1985).

Afeita aos interesses da comunidade, a Heliópolis FM tem refletido em suas transmissões um passado engajado na quebra dos monopólios que controlam e tolhem o acesso à informação. Em tempos de pandemia, o comprometimento da emissora tornou-se mais gregário sem que houvesse renúncia ao entretenimento e aos serviços de utilidade pública. A rádio mantém a divulgação das ações em curso nos outros projetos da UNAS, “comunicando a disponibilidade de algum benefício ou vaga em escolas e creches e acolhendo aqueles que precisam de ajuda e buscam, através da emissora, serem beneficiados com algum projeto da comunidade” (SILVA, 2010, p. 27).

Porém, no primeiro semestre de 2020, a prioridade foi falar continuamente da Covid-19 e, por consequência, conscientizar os moradores da comunidade que relutam em cumprir as medidas de prevenção básicas preconizadas pelas autoridades sanitárias, como o uso de máscaras faciais, a higienização constante das mãos e, na medida em que as condições permitem, a manutenção do distanciamento social. Não obstante, essa última medida expõe-se como a mais difícil de ser alcançada na comunidade, uma vez que dentre as repercussões imediatas da restrição na circulação está a interrupção na busca por fontes de renda por pessoas que estão desempregadas e por trabalhadores que atuam como informais ou autônomos. “Para estes, o confinamento repercute diretamente em ameaças imediatas à sustentação financeira e à sobrevivência de suas famílias” (PIRES, 2020, p. 54). Soma-se a isso o fato de a suspensão das atividades escolares

repercutirem, de acordo com Pires (2020), no “comprometimento do acesso à alimentação para crianças e adolescentes de baixa renda, para os quais a merenda escolar constitui elemento central da segurança alimentar e nutricional” (p. 54).

As ponderações expostas apoiam-se em pesquisa de opinião elaborada pela UNAS entre 27 e 29 de março de 2020 na comunidade de Heliópolis, ou seja, logo no início da implantação das primeiras medidas coletivas contra a Covid-19. Os dados, disponíveis no *site* da entidade¹, revelam que 65% dos moradores deixaram de trabalhar ou estudar após as orientações de isolamento social. Desde a adoção dessas medidas, 68% das famílias do lugar tiveram perdas no rendimento mensal e, destas, 20% afirmaram não contar com mais nenhuma outra fonte de renda. Detalhe significativo: 63% das famílias que responderam à pesquisa viviam, em sua maioria, com renda mensal de até dois salários mínimos. Além disso, ao menos quatro pessoas vivem em grande parte dos domicílios pesquisados, caracterizando a existência de famílias numerosas e de baixa renda atingidas pelas restrições impostas pelo Novo Coronavírus.

A partir do cenário evidenciado, considera-se relevante compreender qual é o papel exercido pela Heliópolis FM na luta contra a Covid-19 na localidade que originou a emissora. Para tanto, foram obtidos depoimentos de pessoas envolvidas com o cotidiano da rádio comunitária, empregando como método os preceitos da História Oral (BOM MEIHY, 1996). Todavia, antes de conhecer a atuação da rádio no tocante à pandemia é pertinente relatar, mesmo que brevemente, o itinerário histórico percorrido por esse meio de comunicação, visando compreender a circunstância na qual está incluso.

Heliópolis FM: de rádio corneta a meio digital de mobilização social

Primeira emissora comunitária autorizada a operar na cidade de São Paulo, dez anos após a aprovação da Lei 9.612/1998 (VICENTE, 2012), a Heliópolis FM teve como embrião a *Rádio Popular de Heliópolis*, que em maio de 1992 transmitia

1. Ver <https://www.unas.org.br/>

programação por alto-falantes instalados em postes fixados em dois pontos estratégicos da comunidade. A *Rádio Corneta*, como também era identificada, surgiu da precariedade na comunicação entre os agentes comunitários da UNAS e a comunidade que, entre as décadas de 1980 e 1990, vivenciou significativo crescimento populacional. Era preciso ter proximidade “das casas das pessoas para conhecer as melhorias das quais o bairro necessitava, discutir problemas que compartilhavam no dia-a-dia” (SILVA, 2010, p. 27). Buscava-se, ainda, mudar a percepção dos moradores sobre a imagem da região, que além do elevado nível de violência é identificada, até hoje, como a *maior favela da cidade de São Paulo*.

O sistema de rádio poste usado por cinco anos em Heliópolis era resultado de uma ação comunicativa popular que, na década de 1990, eclodiu também em outras regiões do país. Era ainda a alternativa mais eficaz à dificuldade em convocar os moradores para reuniões e ao enfrentamento das ações violentas registradas naquela região, que padecia com a distribuição de boletins e panfletos informativos impressos por causa de sua grande extensão geográfica (ZANDONADE, 2013, p. 132).

O processo de regularização da rádio comunitária ocorreu entre 1997 e 2008 em torno, sobretudo, da luta histórica por melhores condições de moradia na comunidade de Heliópolis, que tem sua origem na década de 1970 a partir de um alojamento que abrigou cem famílias provenientes da região da Vila Prudente que sofriam com as enchentes daquela região. Localizada um pouco mais ao sul, a comunidade de Heliópolis formou-se entre a Estrada das Lágrimas e a Rua Almirante Delamare, fazendo divisa com São João Clímaco, Ipiranga e a cidade de São Caetano do Sul. A migração para São Paulo nas décadas de 1970 e 1980, em sua grande maioria de nordestinos à procura de melhores oportunidades de trabalho, somada ao fato de a região onde se estabelecia a comunidade ter muito espaço, culminou em um rápido aumento populacional (SILVA, 2010, p.22).

Do mesmo modo, questões relacionadas às condições de moradia e infraestrutura em Heliópolis foram os motes para o surgimento da primeira associação de moradores no final da década de 1970 e para a criação da UNAS em

1987, que passa a atuar naquela comunidade "por meio de projetos financiados por ONGs ou convênios com diferentes instâncias governamentais. Desenvolve, a partir de então, ações nas áreas de educação, assistência social, cultura, cidadania e comunicação" (ZANDONADE, 2013, p. 130).

O *site* da entidade relacionava, em julho de 2020, dezenas de projetos voltados à educação, assistência social, cultura, esporte, empreendedorismo, juventude, direitos humanos e movimentos de base, sendo que muitas dessas ações são decorrentes de parcerias com órgãos vinculados ao poder público, entidades beneficentes e iniciativa privada. Peruzzo (2017, p. 84) salienta que, apesar da cooperação envolver distintos colaboradores, a direção e a gestão dos projetos estiveram sob o controle da entidade, para a qual "a preocupação com a formação cidadã é permanente e direcionada à responsabilidade social necessária visando a emancipação social". A entidade, no entanto, não ficou isenta em sua trajetória das "influências políticas e disputas internas em relação à condução das ações que se realizavam no local" (ZANDONADE, 2013, p. 131).

Acima das contendas, interesses diversos ou obstáculos, a Heliópolis FM tem sido destaque no cenário radiofônico paulistano não apenas pelo pioneirismo, mas por ser partícipe das atividades da UNAS que envolvem os moradores da comunidade. Cada iniciativa é disseminada na comunidade pela transmissão em frequência modulada da rádio, que conquistou audiências e seguidores também na imensidão da internet, onde há um *site* destinado à emissora² e uma página nas redes sociais³, permitindo ver, ouvir e participar dos programas transmitidos ao vivo do estúdio.

As mais distintas temáticas ocupam os microfones desde as primeiras emissões por alto-falantes. No decorrer do tempo, essa condição se refletiu nos programas produzidos pela emissora, inclusive no período em que atuou sem regulamentação, entre 1997 a 2006. Exemplo disso foi o programa *GLS Club Tech*, apresentado por dois líderes comunitários em 2003, que levou a emissora a

2. Ver <https://www.radioheliopolisfm.com.br/>

3. Ver <https://www.facebook.com/RadioComunitariaHeliopolis/>

conquistar o *Prêmio de Ação Social* promovido da APCA – Associação Paulista dos Críticos de Arte. Silva (2010, p. 30) considera que “a premiação fez com que os produtores do programa fossem reconhecidos por um trabalho que nasceu ali na comunidade”.

Apesar desta e de outras distinções, a estação sofreu diversas autuações da Polícia Federal e chegou a ter os equipamentos confiscados durante o período em que atuou sem regulamentação. O ápice, no entanto, foi a lacração da rádio pela Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações) em 20 de julho de 2006 por decisão da Justiça Federal. Porém, quatro meses depois, devido à articulação entre a UNAS, instituições externas à comunidade e personalidades dos meios acadêmico e político, a emissora recuperou os equipamentos apreendidos. Sobressai neste percurso a Universidade Metodista de São Paulo que, em novembro de 2006, após ser escolhida pelos moradores de Heliópolis, formalizou parceria e assumiu a responsabilidade pelo acompanhamento das transmissões em caráter experimental (ZANDONADE, 2013, p. 189). A entrega do documento que autorizou o funcionamento da Rádio Comunitária Heliópolis ocorreu em 20 de maio de 2008 em cerimônia de assinatura do convênio do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), que teve a presença do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva (p. 213).

A despeito dos inúmeros percalços enfrentados e vencidos desde sua implantação, a Heliópolis FM tem registrado o cotidiano da comunidade que a criou, mobilizando a efetivação de um amplo trabalho de inclusão social que guarda vínculos com a educação, como assevera o compromisso registrado na missão da UNAS, que responde pela rádio comunitária. Há, nisso, fundamentação na organização comunitária, que concretiza as metas de melhoria nas condições de vida ao promover o desenvolvimento das capacidades intelectuais dos moradores, isso tem se tornado possível:

Em suas mais de duas décadas de atuação a Rádio Comunitária Heliópolis colabora com a disseminação de informação local e na formação de pessoas. Ela ajuda na conscientização, na aproximação entre pessoas, na mobilização social e para o entretenimento. A rádio dá voz aos moradores, tanto para a sua música como na discussão de temas de interesse comunitário. Ao mesmo

tempo, contribui para o desenvolvimento pessoal e para o nível de conhecimento das pessoas que vêm atuando como protagonistas na emissora. De simples moradores/as e ouvintes, eles se transformam em gestores/as e locutores, criadores de programas, operadores de mesa de som, sonoplastas, entrevistadores, entre outras funções e habilidades. Participam de reuniões de avaliação e de planejamento, ajudam a definir metas e a corrigir desvios. Simultaneamente a rádio se constitui num espaço onde se aprende a conhecer melhor a realidade local e a trabalhar para prevenir e buscar solucionar problemas locais a que todos estão sujeitos. Portanto, a emissora educa não apenas pelos conteúdos que dissemina, mas também pelo processo facilitador do quefazer comunicacional que proporciona a quem se envolve no seu processo de produção, planejamento e gestão. Em outras palavras, na rádio também se ensina e se aprende na sua própria dinâmica operativa (PERUZZO, 2017, p. 85).

Colher depoimentos de personagens que atuam na Heliópolis FM é, neste âmbito, essencial à compreensão do papel da emissora na luta contra a Covid-19 na cidade de São Paulo. Para tal propósito, é compreendido como adequado adotar os preceitos da *História Oral*, que tem a pretensão de ser um campo multidisciplinar em que diferentes linhas de trabalho dialogam a respeito das maneiras de abordagem das entrevistas e das trocas de experiências. Construída no tempo presente, essa metodologia implica a percepção do passado como temporalidade contínua ao presente de um processo histórico que não acabou (BOM MEIHY, 1996).

O método adota um conjunto de procedimentos que envolve a elaboração do projeto, a definição dos entrevistados, o planejamento da condução das gravações, a transcrição e a conferência do depoimento e a autorização para uso, arquivamento e publicação dos resultados. Mediante divisão indicada por Bom Meihy (1996), este artigo adota a modalidade *História Oral Temática*, que busca, a partir de um assunto específico e preestabelecido, o esclarecimento ou opinião do entrevistado sobre o que foi definido em pauta. A opção decorre do fato de ser aquela que apresenta maior objetividade, ao contrário da *História Oral de Vida* (que dá maior autonomia à dissertação do entrevistado) e da *Tradição Oral* (que tem foco em mitos manifestos pela transmissão geracional).

A *História Oral* é ainda adequada pela aderência à legislação regulamentadora da radiodifusão comunitária que, no 3º parágrafo, 4º artigo, afirma que “qualquer cidadão da comunidade beneficiada terá direito a emitir opiniões sobre quaisquer

assuntos abordados na programação da emissora, bem como manifestar ideias, propostas sugestões, reclamações e reivindicações" (BRASIL, 1998). Portanto, a seguir serão expostos depoimentos de personagens que atuam na Rádio Comunitária Heliópolis e que, com ela, enfrentam as agruras de uma pandemia que retirou o mundo da normalidade. As falas são precedidas pela descrição da comunidade disponível no *site* da UNAS e feita a partir do relato de uma de suas lideranças.

UNAS: voz atuante na comunidade

Heliópolis, famosa por inúmeras histórias, desde que surgiu em 1971, registra lutas contra a grilagem do terreno, violência, confrontos com polícia, enchentes, ausência de energia elétrica e de saneamento básico, discriminações, incêndios, carências de toda a ordem e outros aspectos geradores de miséria, situações que fizeram fortalecer o espírito de resistência e luta entre os moradores que, no início da ocupação, habitavam barracos de madeira em piso de terra batida e muita lama. O caminho para o trabalho de quem conseguia emprego era sempre penoso, por ruas sem asfalto, percorrendo longas distâncias até os pontos de ônibus. Mais tarde, quando a comunidade estava formada com *ares* de bairro, com casas, comércio, água e energia elétrica, ela enfrentou – e ainda enfrenta – a resistência de transportadoras que se recusam a entrar para fazer entrega de mercadorias, o mesmo ocorrendo com taxistas e motoristas de aplicativo, embora muitos desses profissionais residam na localidade. De fato, Heliópolis registrou no passado elevado número de casos de violência, quadro modificado na atualidade, mas com o estigma mantido. Há de se considerar, também, que as vielas e ruas estreitas, carentes de sinalização viária, servem para atrapalhar aqueles que dirigem seus veículos, assim como motos e bicicletas, e que precisam ainda ter atenção redobrada para desviar de pedestres que tendem a andar no meio das vias da comunidade.

Os habitantes de Heliópolis se viam totalmente à margem social, vulneráveis às mazelas da desigualdade, pela falta dos elementos básicos para a sobrevivência. O retrato do quadro político brasileiro estava pintado ali, e ainda está, numa amostra

transparente do descaso com a cidadania. A história do sofrimento vivido naquela terra, ocupada por uma maioria de migrantes nordestinos e negros, refaz o caminho do êxodo do Nordeste aos desfavorecidos daquela região e os processos de discriminação racial. A palavra *resistência* é uma característica daquela gente que conviveu anos com esgoto a *céu aberto* e com a ausência de políticas públicas para o mínimo necessário à vida. Claro que tudo isso gerou crime e violência, mas também força e luta pela equiparação social.

Diante de sofrimentos, muitos moradores de Heliópolis passaram a compreender que viviam em comunidade e o significado daquela palavra. A partir de entendimentos como este, a união entre eles gerou movimentos e mutirões para ações de ajuda mútua. Assim, ainda nos chamados *anos de chumbo* da década de 1970, quando surge o que se popularizou como *Favela de Heliópolis*, aquela população, chamada de *favelada*, vai passar a contar com uma associação de moradores fundada em 1978, que receberá o nome de *União das Associações dos Moradores de Heliópolis e São João Clímaco* ou apenas UNAS. A entidade cresce com o aumento da população local e se desenvolve sem fins lucrativos, tendo origem de uma comissão de moradores em intensa luta pelo direito à moradia e à posse da terra. Com a evolução da UNAS, os habitantes vão recebendo alentos e muitos projetos se espalham, promovendo o local a *Bairro Educador*. A entidade chega ao ano de 2020 com dezenas de projetos e ainda muitos problemas, porém com um quadro participativo distante do passado que atraía a imprensa unicamente nas colunas e editorias policiais.

Heliópolis é vista e mostrada por outras pautas e pela demonstração de superação das seguintes iniciativas: Biblioteca; Centro de cidadania LGBT; Centro de defesa e convivência da mulher; Centro de educação infantil; Centro dia do idoso; Centro para criança e adolescente; Medida socioeducativa; Movimento *Sol da Paz*; Movimento de alfabetização de jovens e adultos; Movimento de juventude; Movimento de mulheres; Movimento fé e política; Movimento LGBTQI; Movimento negro; Movimento sem teto; Núcleo de proteção social e apoio psicológico; Observatório Heliópolis; Oficina de sorvete; Projeto arrumando a casa, sobre moradia;

Projeto contra violência; Projeto futsal; Projeto investindo na vida; Projeto assistência jurídica gratuita; Projeto coletivo; Projeto costurando com arte; Projeto jovens contra drogas e alcoolismo; Rádio comunitária; Rede cultural de cooperação solidária; Serviço de assistência social à família; Serviços de proteção às crianças e adolescentes vítimas de violência e abuso sexual e Telecentro.



Imagem 1 – Divulgação sobre prevenção da Covid-19 feita pela UNAS nas ruas e vielas de Heliópolis no primeiro semestre de 2020 | **Fonte:** UNAS (2020).

Todas as ações da UNAS passaram a ter como tema único a pandemia da Covid-19, reconhecida pela OMS como tal nos primeiros meses de 2020 e, mais intensamente com a quarentena, a partir do mês de março. As notícias sobre o vírus causador de grave doença pulmonar tornaram-se assunto em todas as reuniões da entidade diante dos microfones da Rádio Comunitária Heliópolis. Questão intercalada à programação musical e a outros informes da emissora.

Toda a gerência, em busca de mais informações, inicialmente recaiu sobre a presidente da UNAS, a psicóloga Antonia Cleide Alves⁴. Cearense, da cidade de Ibicuã, ela tem 57 anos de idade e chegou a São Paulo aos oito anos com a família, que veio em busca de melhores condições de vida no ano de 1970. Foram morar na favela de Vila Prudente. No ano seguinte tiveram de desocupar o local, com mais 153 famílias que ali viviam. Todas indo construir novas moradias em Heliópolis. “Na verdade, eram barracos de madeira. Tivemos que sair da Vila Prudente porque a prefeitura na época

4. Depoimento concedido em 20 de jul. 2020.

estava construindo ruas e avenidas. Então as famílias foram alojadas no terreno do local que já tinha o nome de Heliópolis”, explica Cleide.



Imagem 2 - Antonia Cleide Alves | **Fonte:** Arquivo pessoal (2020).

As terras que abrigam a favela de Heliópolis, na Zona Sul de São Paulo, no bairro do Sacomã, pertenciam ao Conde Silvio Alvares Penteado (1881/1956), que herdou fortunas do pai, o Conde e fazendeiro de café, Antonio Álvares Leite Penteado (1852/1912)⁵. Silvio Alvares Penteado foi responsável pela criação de vários empreendimentos na capital paulistana. Entre eles um conjunto residencial na divisa com a cidade de São Caetano, no ano de 1930. Na época também desenvolveu um sistema de financiamento habitacional para as 50 casas ali construídas, financiadas em 10 anos. O nome Heliópolis é de origem grega e significa *Cidade do Sol* (hélios, sol; pólis, cidade). Em 1942, o local foi adquirido pelo então IAPI – Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários. No ano de 1966, o terreno passa a pertencer ao IAPAS – Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social, que em 1969 constrói o Complexo Hospitalar Heliópolis e o PAM – Posto de Assistência Médica. Uma parte da terra foi destinada à Sabesp – Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo; e outra à Petrobrás. No espaço também existiam vários campos de futebol que foram sendo demarcados a

5. Mais informações em http://www.bandeiraquadriculada.com.br/Sylvio_Penteado.htm. Acesso em: 23 de jul. 2020.

partir de 1971, servindo de espaço às moradias dos trabalhadores da construção do hospital, a maioria migrantes nordestinos que construía os primeiros barracos da favela.

A psicóloga Antonia Cleide, uma das mais antigas moradoras do local, é totalmente engajada com os acontecimentos de Heliópolis e tem muitas histórias para contar. Entre elas, afirma que a crise causada pela Covid-19 figura entre as mais graves que vivenciou.

A preocupação é geral. No caso de uma comunidade como a nossa já percebíamos desde o início de 2020 que se tivéssemos um infectado, o vírus se espalharia rapidamente. Temos casas com dois cômodos onde vivem 10 pessoas. E de fato foi o que aconteceu e continua acontecendo. Registramos inúmeras mortes e infectados, com superlotação no hospital mais próximo que nos atende, que é o Heliópolis, entre outros da região (Antonia Cleide Alves, informação verbal)⁶.

No mês de março de 2020, Cleide intensifica as campanhas de prevenção da UNAS. Conforme os dados de contaminação avançavam, os trabalhos da associação ganhavam notoriedade, atraíam os noticiários e voluntários.

Na própria comunidade as mulheres passaram a confeccionar máscaras. Foram criadas oficinas de costura com trabalhos acelerados para cobrir a demanda. Saíamos pelas ruas de porta em porta fazendo a distribuição das máscaras e de folhetos com alertas para os cuidados preventivos necessários (Antonia Cleide Alves, informação verbal)⁷.

As ações da UNAS estenderam-se para auxílios às famílias de Heliópolis, de forma mais intensa, a partir da pandemia. A ONG, que faz a gestão de vários centros de educação infantil, normalmente atende diariamente três mil crianças, de zero a quatro anos de idade. Dos menores de seis a 14 anos, são 1400 atendimentos por dia. Nos dois casos, com serviços de alimentação básica, o trabalho praticamente dobrou em menos de três meses do convívio com a pandemia. Situação ocasionada pela quarentena, com menores em casa e pais que perderam o emprego. No caso também muitas *mães solo*.

6. Depoimento concedido ao autor em julho de 2020.

7. Idem.

A partir da UNAS desenvolveram-se projetos na comunidade para arrecadação e doações de alimentos, itens de higiene pessoal e limpeza doméstica, além do aproveitamento de leis de incentivo fiscal de empresas e doações de notas fiscais.

Em Heliópolis, assim como em outros lugares, a marca do desemprego é visível a cada passo. São diaristas, empregadas domésticas, vigias, seguranças e outros profissionais informais, como vendedores ambulantes, que perderam o emprego e a renda, incluindo os artistas daqui. Tivemos que acelerar esses passos convivendo com as perdas e dores (Antonia Cleide Alves, informação verbal)⁸.

Cleide destaca que, entre todas as iniciativas da UNAS, o trabalho da Rádio Comunitária Heliópolis é fundamental. Ela enfatiza que, além da campanha de prevenção contra a Covid-19, as demais ações seguem na emissora com informações de combate a outras doenças, às drogas e à violência, principalmente contra mulheres e crianças. Manter a consciência sobre todos os aspectos da cidadania e ações de preservação da saúde agora soma com o surgimento da Covid-19, e faz Cleide ampliar a nomenclatura de luta para os termos “batalha” e “guerra”.

Já são trabalhosas as ações de busca por igualdade, autoestima, acessibilidade, emprego. Agora mais trabalho, pois infelizmente, na própria comunidade, ainda têm pessoas que não obedecem aos protocolos de prevenção, dessa e de outras doenças. Estão no nosso foco também. Um dos instrumentos importantes que temos por aqui é a programação da Rádio Comunitária Heliópolis (Antonia Cleide Alves, informação verbal)⁹.

Antonia Cleide é naturalmente uma anfitriã da comunidade, e não somente da UNAS. A psicóloga anda pelas ruas estreitas e vielas de Heliópolis, ora dirigindo o próprio veículo, demonstrando conhecer cada metro quadrado e cada habitante do lugar que viu nascer. Referência no local, mantém abordagem solícita, simpática e, ao mesmo tempo, assertiva com todos que a procuram. Tal comportamento é

8. Depoimento concedido ao autor em julho de 2020.

9. Idem.

assimilado por todos que atuam nos projetos da ONG. Um dos exemplos ocorre na Rádio Comunitária Heliópolis. Os visitantes podem chegar à emissora a qualquer horário ou dia que são recebidos sem formalidades. Sentem-se entrando em ambiente familiar e acolhedor. Da mesma forma, é paciente e atencioso o atendimento telefônico para quem liga solicitando que toquem uma música ou participando da prestação de serviços ou utilidade pública, como *achados e perdidos* ou algum tipo de divulgação.

Vozes da comunidade na rádio comunitária

A Heliópolis FM é apontada como um dos braços fortes da UNAS. A emissora está localizada na rua Paraíba, número 76, num ponto de fácil acesso na favela. A sede é uma casa com sala, cozinha, banheiro e um quarto adaptado, onde funciona o estúdio da programação que vai *ao ar*. Na parte superior da residência funciona um outro estúdio de gravação. A partir do portão de ferro, no espaço de entrada, está instalada a antena da rádio. Tudo é familiar. Desde o nome da rua, menção aos muitos paraibanos que estavam entre os demais nordestinos na formação de Heliópolis, ao atendimento. Sobretudo para quem visita a emissora pela primeira vez. Quem retorna sente o clima de voltar para casa.

Normalmente quem está diante do microfone divide atenção entre a apresentação e a recepção a quem aparece na sede. Tudo é natural e espontâneo. O mobiliário é simples. Na sala, sofá e estante. No ambiente adaptado que seria a cozinha, uma pia e bebedouro, com copos descartáveis. Mais adiante o quarto, dividido entre ambiente de estar, com cadeiras e a entrada do estúdio. Um aconchego que recebe bem. Espírito de comunidade, que atrai habitantes da comunidade, de todas as idades e universitários de diversos cursos para desenvolvimento de TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, de dissertações de mestrado, de teses de doutorado e de pesquisas de pós-doutorado. São inúmeros os estudos realizados sobre a Rádio Comunitária Heliópolis e acerca da própria região no ambiente acadêmico, em produções nacionais e internacionais. Incluem-se documentários em audiovisual, reportagens e filmes, estes de produção própria de moradores e de

produtoras de *Helipa*, o apelido da comunidade, ou de renomadas produtoras, incluindo internacionais.

Na programação, a maior parte da emissão é com execução musical dos mais variados ritmos. Porém, abre espaço para entrevistas, informativos, divulgação de eventos e inserções de informes sobre cidadania, meio ambiente e muitos avisos dedicados à saúde, que foram ampliados estrategicamente, não somente sobre a prevenção ao Novo Coronavírus, mas também explicações sobre a Covid-19 e as inúmeras campanhas promovidas pela UNAS. O coordenador da emissora, Israel de Jesus Silva, mais conhecido como *Badega*¹⁰, tem 42 anos de idade, é baiano da cidade de Itapetinga.



Imagem 3 - Israel de Jesus Silva, o *Badega*. | **Fonte:** Arquivo pessoal (2020).

Veio para São Paulo com a família aos dois anos de idade e vive em Heliópolis desde 1995. “Comecei no ano 2009. Eu era ouvinte. Ficava escutando a programação na época em que era rádio corneta”, recorda o também comunicador, que apresenta de segunda à sexta-feira o programa *The Night Love*.

Além das músicas tem muito papo com ouvinte, entrevistas e convidados no estúdio. Agora por causa da pandemia as visitas pararam, mas a gente segue no

10. Depoimento concedido em 20 de jul. 2020.

desafio de conscientizar a população dessa crise sanitária. Já tivemos muitas campanhas de saúde e continuamos falando sobre AIDS, Dengue, Febre Amarela, DSTs, vacinação, mas como a Covid-19 o negócio é diferente. Envolve muita coisa. Aqui há muito jovem e muitas pessoas que não entenderam a gravidade da doença, mesmo com tudo o que é divulgado. A gente vê pessoas nas ruas daqui caminhando sem máscara, bares cheios, festas, e isso nos preocupa muito. Embora com várias pessoas se voluntariando e ajudando bastante. Assim nos dirigimos para os dois grupos. Agradecemos sempre e valorizamos quem ajuda e pedimos para o outro grupo, que não se previne, que a situação é gravíssima. Sempre divulgamos os números e os dados próximos daqui, sobretudo das UPAS, postos de saúde e Hospital Heliópolis. Brigamos com as *fakenews* direto. Esse tipo de notícia falsa, quando chega aqui, partimos pra combater através da checagem. A gente corre atrás da informação verdadeira. Nosso objetivo é entreter a comunidade e informar. Com o aparecimento da Covid-19, intensificamos as informações sobre os fatos reais e não o contrário disso. Queremos acalmar a população, mas pedir que tenham precaução e total prevenção. Essa doença está ao lado da gente. Aos poucos foi chegando. Todo mundo já tem alguém próximo com o vírus ou sofrendo com a doença e sentiu a perda de parentes ou amigos (Badega, informação verbal)¹¹.

Entre as pessoas próximas ao coordenador da Heliópolis FM está comunicadora Josefa Tereza da Silva de Oliveira¹², mais conhecida com *Zefinha*. Em abril, ela sentiu os primeiros sintomas da doença, realizou o exame e constatou: estava com a Covid-19. Ficou em quarentena, tomou todos os cuidados e orientações médicas. "Por sorte não transmiti para a minha família", diz Zefinha, que é cozinheira, tem 57 anos de idade e é nascida na cidade de Cajazeiras, na Paraíba. Ela e o marido, Francisco Joaquim de Oliveira, de 63 anos de idade, também da mesma cidade paraibana, são casados desde 1985. Ele é frentista e tem o apelido de "Louro José"; e é responsável pela limpeza da sede da emissora. Ambos vivem em Heliópolis desde 2006 e, juntos, apresentam o programa *Estilo Musical*, aos sábados e domingos, das 9 às 11 horas. "A gente toca música e apresenta as notícias do dia e muito aconselhamento sobre a Covid-19".

11. Depoimento concedido em 20 de julho de 2020.

12. Idem.



Imagem 4 - Josefa Tereza da Silva de Oliveira, a *Zefinha*; e Francisco Joaquim de Oliveira, o *Louro José*. | **Fonte:** Arquivo pessoal (2020)

Orgulhosa dos ouvintes e internautas que a seguem de outras partes do Brasil e de outros países, da Europa, América Latina e Estados Unidos, Zefinha, desde que retornou ao trabalho, curada da doença, revela aos ouvintes, em todas as edições, a experiência que teve no tratamento.

Eu gosto de dar o testemunho, porque é uma forma de falar sobre a gravidade dessa situação, que a coisa existe e tem perigo de morte. Por aqui tem muita gente ajudando e fazendo a diferença e tem quem não acredita que a doença existe. Vejo pessoas sem máscaras, aglomerações e festas. Isso nos entristece. É uma batalha no dia a dia com a uma arma chamada microfone. (Zefinha, informação verbal)¹³

A Covid-19 atingiu outro apresentador, que é também coordenador da rádio ao lado de *Badega*: o sergipano Libeira Lino¹⁴, de 69 anos de idade, que comanda de segunda à sexta-feira, das 8 às 12 horas, os programas *Roberto Carlos e Convidados* e *Frequência do Sucesso*. Conhecido apenas por *Libeira*, ele é funileiro e pintor de automóveis. A oficina mecânica é anexa à residência dele, que foi

13. Depoimento concedido em 20 de jul. 2020.

14. Depoimento concedido em 21 de jul. 2020.

construída em Heliópolis sobre uma mina de água. O local, no entanto, é preservado com um aquário no solo, onde o comunicador cria peixes.



Imagem 5 - Libeira Lino. | **Fonte:** Arquivo pessoal (2020)

A programação musical produzida por Libeira é intercalada por notícias e por inserções das campanhas realizadas pela UNAS. “Conto a minha experiência no ar. Isso para ajudar o pessoal a ter consciência. Descobri o teste positivo em abril, depois do início da quarentena. Não precisei ficar internado, mas conheço muita gente que foi para a UTI e outras que, infelizmente, não resistiram. É uma tristeza”, lamenta o comunicador, que teve a mulher e a filha também infectadas. Curados da doença, eles seguem com rigor as medidas de proteção. Ele conta que o distanciamento e os demais cuidados foram assimilados rapidamente pelos clientes da oficina, até porque muitos ficaram sabendo que ele e a família contraíram a Covid-19. Porém, não reclama de discriminação. “As pessoas foram solidárias”, declara.

A guerra contra a doença em Heliópolis segue, na rádio, encontrando mais força em programas de estilos bem distintos do comandado por Libeira: o *Revoluções do RAP* e o *Revoluções Reggae*, apresentado pelo paulistano Danilo Barreto de Oliveira, conhecido como *Mano Zóio*¹⁵. As duas atrações vão ao ar de segunda à sexta das 20 às 22 horas. “São dois programas musicais, mas que tem informações sobre a preservação da água, do problema das drogas, divulgação de

15. Depoimento concedido em 21 de jul. 2020.

filmes, livros, de jovens poetas e lives", revela. Zóio tem 37 anos de idade, é filho de nordestinos; a mãe é cearense e o pai, paraibano. Ele conta que os pais vieram para São Paulo em busca de trabalho, como muitos moradores que chegaram à favela no início dos anos 1970. Quando nasceu, a família já morava em Heliópolis, na rua da Mina, ao lado da casa onde mais tarde seria a primeira sede da rádio comunitária. O comunicador trabalha na emissora desde 1996, quando esta era Rádio Corneta.



Imagem 6 - Danilo Barreto de Oliveira, o *Mano Zóio*. | **Fonte:** Arquivo pessoal (2020)

Despojado e espontâneo nas expressões, *Mano Zóio* se mostra bem informado de assuntos diversos. Demonstra curiosidade entre vários temas, analisa a comunidade onde vive e os ritmos que defende, que, além do Rap e do Reggae, inclui o Hip Hop. O apresentador é também criador da grife de roupas e bonés #RR *Heliópolis* (Revoluções do RAP) com público internacional. Seus trabalhos são frutos da intensa divulgação que faz das produções que realiza nas redes sociais.

Eu conheci o RAP com o Rappin Hood, que fazia o programa *A Voz do RAP*, me inspirei e logo comecei a apresentar um programa. Ali conheci o Racionais MC`s, o Sabotage, Mano Brow. Eu tenho essa pegada e gosto de cidadania. Da Covid-19 conversei com o ouvinte, dizendo que não é só máscara ou álcool em gel e lavar as mãos. A consciência e fuga de aglomerações é fundamental. Aqui na comunidade, infelizmente, tem gente que não está levando a sério. Olho

peças indo para os bares e fazendo churrasco. Então estamos alertando que o negócio é grave e que tem morte por perto. Tem pessoas que não se tocam que é uma guerra, e que a munição chamada palavra precisa ser ouvida, lida e seguida. Pelo que vejo, somente trinta por cento está respeitando os protocolos. Para os outros setenta por cento não caiu a ficha. Vejo pessoas fazendo som e baile. Acham que já acabou a quarentena, por causa da flexibilização. Sendo que na verdade nunca houve quarentena em Heliópolis. Por isso ficamos alertando. Aproveitamos muito os informativos produzidos pela UNAS. Quando a gente aqui sai para as entregas das cestas básicas falamos para as pessoas nas ruas. As atitudes devem ir além dessas prevenções. Dá pena de saber que tem morador que só vai acreditar quando pegar ou quando morrer alguém da família. Eu debato isso na nossa página e no ar, lamentando isso. Nossa principal arma nessa guerra é a informação e não tem trincheira. (Mano Zóio, informação verbal)¹⁶.

Zóio ganhou este apelido por causa do excesso de pele na pálpebra direita, que ele chama de *olho caído*, mas a aparência já foi modificada por uma cirurgia plástica. As popularidades de Zóio, Zefinha, Badega, Libeira e Cleide assemelham-se aos dos milhares de nomes existentes em Heliópolis. A notoriedade vai sendo assimilada num fenômeno de saber quem é quem, num terreno de um milhão de metros quadrados, entre mais de 200 mil pessoas. Número este que se mantém há mais de uma década, entre chegadas e saídas, nascimentos e mortes. Dessas, o primeiro semestre de 2020 registrou em Heliópolis e região mais de 230 vidas perdidas para a Covid-19. Neste período, o número de infectados chegou a cinco mil, com 700 internações, pelos dados da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo e UNAS.

Considerações finais

Em 1998, quando foi promulgada a Lei 9612/98, assinada pelo então presidente da República Fernando Henrique Cardoso, tendo como ministro das Comunicações Sérgio Mota (1940/1998), com mandato de 1995 a 1998, houve inicialmente uma celebração por parte dos radialistas desse segmento. Afinal, as rádios comunitárias teriam uma legislação própria e bem definida, porém em desigualdade com as emissoras comerciais. Assim, a celebração pouco durou. A Lei restringe o alcance das emissoras, indica para todas uma única frequência em São Paulo (87,5) e não permite

16. Depoimento concedido em 21 de jul. 2020.

o patrocínio, entre outros fatores que inviabilizam a gestão administrativa e financeira das rádios comunitárias, que encontram alento na internet e nas redes sociais para sobrevivência e para chegar aos assuntos de interesse da comunidade, esquecidos ou invisíveis aos outros meios de significativa audiência.

Essas estações padecem de estrutura para melhor desenvolvimento dos gêneros e formatos jornalísticos e de outros conteúdos de fala. Por este motivo, as programações são mantidas na maioria das rádios comunitárias com músicas, intercaladas com prestação de serviços de utilidade pública. Em Heliópolis, a emissora comunitária amarga a lembrança de já ter sido fechada pela Polícia Federal no ano de 2006, sob a denúncia de interferir em sinal alheio. Na época, a emissora era coordenada por *Gerô Barbosa*, travesti, negra, moradora da Heliópolis, formada em jornalismo e pedagogia. Pouco tempo antes, em 2004, ela havia recebido, no Centro Cultural Banco do Brasil de São Paulo, o prêmio APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte), que reconhecia a emissora pelo trabalho de destaque a favor da cidadania naquele ano. A emissora coleciona outras premiações da mesma importância. Sustentados pelas ações positivas, os integrantes da rádio, escolados diante de discriminações e preconceitos conseguem, com apoio da UNAS, a volta da emissora *ao ar*, tida no setor como uma das referências nacionais e internacionais.

Atualmente, o espírito de combate da equipe da Rádio Comunitária Heliópolis está sob ação intensa, irmanado com os trabalhos da UNAS. Não se trata de uma luta para se manter *no ar* e não mais perder a outorga de funcionamento, mas para auxiliar a manter *o ar* da população, exposta a perdê-lo para Novo Coronavírus. Nesta fase, a emissora está equiparada a todas as demais, incluindo as comerciais. A diferença entre estas, que têm patrocínio, é que a Heliópolis FM usa a linguagem direta, facilitadora de entendimentos, sem formalidades e espontânea.

O primeiro registro oficial de morte registrado no Brasil pela Covid-19 ocorreu no mês de março de 2020, em São Paulo, em hospital particular, no bairro do Paraíso, região central da cidade. A partir daí o ponto de desigualdade vai se acentuar, atingindo consideravelmente a periferia, com muito mais casos registrados em relação aos habitantes que chegavam do exterior trazendo o vírus para o país. Nesta

situação foi necessário intenso trabalho de auxílio à população pobre, que de uma hora para outra teve de se equipar com máscaras, que sumiram das prateleiras de farmácia, assim como os frascos de álcool em gel, como se esta classe desfavorecida financeiramente tivesse recursos para essa despesa extra, ainda mais diante do aproveitamento de comerciantes que inflacionaram, num primeiro momento, os valores de venda de tais produtos extremamente necessários, mas inacessíveis a quem não tem o suficiente para condução em transporte popular ou para alimentação. Neste ponto, as campanhas de auxílios aos carentes pela rádio passam a ter importante papel.

Diante de tal necessidade surge também um fenômeno jamais visto: a união de um tema na imprensa, em todos os meios e em todas as editorias; também em todos os grupos, de todas as classes sociais. Os debates são semelhantes e, as preocupações, as mesmas. As reações a favor dos protocolos de preservação da saúde e críticas a quem as ignora passa por localidades das chamadas áreas nobres às periferias. Dos condomínios de luxo às construções de alvenaria exposta em vielas, como a comunidade de Heliópolis. Os erros, dúvidas, mitos e forma de lidar com a pandemia, em alguns pontos, colocam a sociedade em pé de igualdade.

Porém, em outros aspectos, as *lives*, as manifestações remotas em câmeras de celulares ou computadores revelam o cenário atrás dos depoentes de forma bem diferente. Enquanto alguns se exibem no conforto de amplas salas, com modernas decorações com visíveis obras de artes ou estantes lotadas de livros, contando como estão se exercitando ou criando receitas de variados pratos, outros exibem o total oposto. No caso, a falta de alimentos na geladeira ou a nem existência desta. Ainda há o choro por não poder entrar num hospital de campanha para ver um parente ou o registro na fila da Caixa Econômica Federal para tentar o Auxílio Emergencial de R\$ 600,00. As histórias são muitas entre os desníveis sociais. O que se assemelha em tais imagens são as lágrimas de quem perde um ente querido. Não é possível mensurar a dor, mas certamente são mais impactantes os enterros em valas dos cemitérios públicos.

A realidade menos afortunada é vivida no cotidiano de localidades como a comunidade de Heliópolis. A tentativa contra a fatalidade diante da Covid-19 tornou-se o *ar* de quem trabalha na UNAS, tema também recorrente do conteúdo que vai *ao ar* pela rádio comunitária daquele lugar. Os desafios para conscientizar a população sobre a prevenção da doença são muitos, seja pelos microfones da rádio ou pelas demais ações nas ruas da favela, que conta com inúmeros bares, casas de dança, jogos esportivos, centros culturais e grupos de amigos e ainda pequenas residências, como muitos moradores na mesma casa. Tantos atrativos e desencontros de informações entre governantes gera a descrença entre pobres e ricos, num campo comum. Desse encontro igual vêm as frases que ecoam da UNAS e da Heliópolis FM: *tem gente que ainda não está acreditando. Para muitos a ficha não caiu.*

Entre os altos e baixos sociais e questões comuns e distintas sobre a Covid-19 encontra-se, neste contexto, o trabalho intenso de uma mulher, com pouco mais de um 1,50 de altura, de 57 anos de idade: a psicóloga Antonia Cleide Alves, nordestina, da mesma região natal da maioria dos moradores de Heliópolis e contemporânea de quem chegou àquela localidade no início de sua formação, em 1971. A experiência dela à frente do que chama de *guerra contra a Covid* é fundamental. Ainda testemunha inúmeros desafios pelo exercício da cidadania e sobrevivência. Neste sentido, o movimento que lidera pela saúde ganha outro teor, que é transmitido aos integrantes dos projetos da UNAS, entre eles a Rádio Comunitária Heliópolis, que faz chegar ao público, com linguagem informal e de fácil entendimento, a carga de ideais de quem já passou todo o tipo de necessidade, mas experimentou e experimenta a superação.

A desobediência às normas de prevenção também está nas críticas veiculadas pela emissora comunitária, sob a linha de trabalho oferecida por Cleide Alves. Entre tais críticas está a veiculação das contradições de um poder federal que não se harmoniza e debocha diante de milhares de mortes e de pessoas doentes. Tal desequilíbrio revela o que se vê na favela e fora dela. Seja em bairros carentes ou em regiões nobres da cidade de São Paulo, epicentro da

Covid-19 no país, os meios comunitários e comerciais usam linguagens distintas para falar do mesmo assunto. Em tempo de pandemia ou não, a Heliópolis FM segue cumprindo o seu papel, superando as dificuldades, falando para um público nada afortunado, extremamente numeroso.

Referências

- BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- BRASIL. **Lei 9.612/1998, de 19 de fevereiro de 1998**. Institui o Serviço de Radiodifusão Comunitária e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 1998. Disponível em: <http://www.mctic.gov.br/mctic/opencms/comunicacao/SERAD/radiofusao/detalhe_tema/radiodifusao_comunitaria.html>. Acesso em 15 Jul. 2020.
- DETONI, Marcia. Rádios comunitárias: revolução no ar. In: PIOVESAN, Angelo; BARBOSA FILHO, André; e BENETON, Rosana. **Rádio, sintonia do futuro**. São Paulo: Paulinas, 2004.
- ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A Informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 2. ed, 1985.
- PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Intersecções entre Comunicação e Educação em Práticas Organizativas Comunitárias. In: SOARES, Ismar de Oliveira; VIANA, Claudemir Edson; XAVIER, Jurema Brasil. **Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural**. São Paulo: ABPEducom, 2017.
- PERUZZO, Cicilia M. Krohling; VOLPATO, Marcelo de Oliveira. Rádio comunitária e liberdade de expressão no Brasil. Quito: Editorial Quipus, Ciespal. **Chasqui** – Revista Latinoamericana de Comunicación, v. 109, p. 39-43, 2010.
- PRATA, Nair. **Webradio: novos gêneros, novas formas de interação**. Florianópolis: Insular, 2009.
- PIRES, Roberto Rocha C. Os Efeitos sobre Grupos Sociais e Territórios Vulnerabilizados das Medidas de Enfrentamento à Crise Sanitária da Covid-19: propostas para o aperfeiçoamento da ação pública. In: **A crise de Covid-19: impactos de pandemia e recomendações de políticas públicas**. Brasília: Boletim de Análise Político-Institucional - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea. n. 22, abril de 2020.
- SILVA, Sérgio Pinheiro da. **Rádio Comunitária**. Os desafios do ambiente educativo da rádio Heliópolis FM. 2010. Dissertação (mestrado em comunicação) - Faculdade Cásper Líbero. São Paulo, 2010. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/mestrado/dissertacoes/radio-comunitaria-os-desafios-do-ambiente-educativo-da-radio-heliopolis-fm/>>. Acesso em: 20/07/2020

VICENTE, Eduardo. O rádio comunitário em São Paulo: um breve olhar sobre o cenário atual. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política de las Tecnologías de la Información y de la Comunicación**. Aracaju, v.14, n.2, maio-ago. 2012.

ZANDONADE, Vanessa. **Rádio comunitária de Heliópolis: da criação à regularização entre ruídos e sintonias (1997-2008)**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.